

Espiritualidade do Opus Dei

O Opus Dei está presente na Igreja para fomentar a procura da santidade no meio do mundo. Expõem-se de seguida quatro traços do seu espírito, estreitamente unidos entre si: a filiação divina, a unidade de vida, a santificação do trabalho e a piedade doutrinal.

30/03/2022

Não há distinções entre fiéis leigos e ordenados, porque, como explica São Josemaria, «na Obra não há duas

espécies de sócios, os clérigos e os leigos; todos são e se sentem iguais e todos vivem o mesmo espírito: a santificação no seu próprio estado» (*Entrevistas a São Josemaria*, n. 69).

Filiação divina

«A filiação divina é o fundamento do espírito do Opus Dei», afirmava São Josemaria (*Cristo que passa*, n. 64). O Batismo faz-nos filhos de Deus em Cristo e inaugura uma relação baseada na confiança na Providência divina, na simplicidade no diálogo com Deus e com os outros, num profundo sentido da dignidade da pessoa e da fraternidade entre os homens, num verdadeiro amor cristão ao mundo e às realidades criadas por Deus, na serenidade e no otimismo.

A formação que o Opus Dei proporciona fortalece nos fiéis cristãos um vivo sentido da sua

condição de filhos de Deus, que impregna cada uma das suas ações e os ajuda a conduzirem-se de acordo com a excelsa vocação com que foram chamados (cfr. Ef 4, 1).

São Josemaria sintetizou este sentido da filiação divina como um desejo ardente e sincero, terno e profundo, ao mesmo tempo, de imitar Jesus Cristo como Seus irmãos, filhos de Deus Pai e de estar sempre na presença de Deus; filiação que leva a viver vida de fé na Providência e que facilita a entrega serena e alegre à divina Vontade.

Unidade de vida ou coerência de vida

«Um só Senhor, uma só fé, um só Batismo» (Ef 4, 5), diz São Paulo para descrever a realidade da vida cristã: a vida dos seguidores de Cristo é, e deve ser, *uma só vida*, única, unitária. Trata-se de «uma condição

essencial para os que procuram santificar-se no meio das circunstâncias correntes do trabalho, das suas relações familiares e sociais» (*Amigos de Deus*, n. 165).

Para não dissociar a relação com Deus do seu comportamento no trabalho, na família e nas relações sociais – erro que sublinhou a Constituição *Gaudium et spes* (n. 43) – São Josemaria pregava com vigor: «não há, não existe, nenhuma contraposição entre servir a Deus e servir os outros; entre o exercício dos nossos deveres e direitos cívicos e os religiosos; entre o empenho por construir e melhorar a cidade temporal e a convicção de que passamos por este mundo como um caminho que nos leva à pátria celeste» (*Amigos de Deus*, n. 165).

A formação que se dá na Obra conduz a orientar para Deus, através do cumprimento dos próprios

deveres, as estruturas da sociedade; a lutar por manter sempre «uma unidade de vida, simples e forte, em que se fundem e compenetraram todas as nossas ações» (São Josemaria).

A confiança no Senhor e a sinceridade – com a ajuda do exame de consciência e da direção espiritual pessoal – ajudam a crescer nesta coerência de vida. Assim é possível superar as discrepâncias entre o que Deus pede e o próprio querer e agir.

Santificação do trabalho

A santificação do trabalho é o *gonzo* da santificação no meio do mundo. São Josemaria recordava que santificar as próprias tarefas é a condição *sine qua non* para o apostolado segundo o espírito do Opus Dei: um trabalho realizado com perfeição humana e com perfeição cristã.

Deus quer que trabalhemos bem para que nos ocupemos do mundo que Ele mesmo criou (cf. Gn 1, 27; 2, 15) e o levemos até Ele (cf. Jo 12, 32), por meio de um trabalho efetuado com ordem, intensidade, constância, competência e espírito de serviço e de colaboração com os outros. Trabalhar por amor a Deus e pelo desejo de servir todos os homens, pondo em jogo as virtudes e, sobretudo, a caridade. Em suma: um trabalho santificado e santificante.

Fruto direto da unidade de vida e do trabalho santificado será o apostolado. «Para o cristão, o apostolado é inerente: não é algo acrescentado, justaposto, externo à sua atividade diária, à sua ocupação profissional» (*Cristo que passa*, n. 122).

Piedade que se alimenta na doutrina

São Josemaria ensinava que a piedade é o *remédio dos remédios*: uma piedade profunda, “doutrinal”, pois sem doutrina a vida de intimidade com Jesus Cristo corre o perigo de ser superficial, meramente externa e sentimental.

Doutrina e piedade não podem existir separadamente: necessita-se de doutrina para alimentar a piedade e de piedade para vivificar a doutrina. Desta maneira, o cristão imerso nas atividades temporais conta com uma bagagem suficiente para alimentar a sua vida de oração e ao mesmo tempo para responder a quem lhe peça a razão da sua esperança (cf. 1Pd 3, 15), nos diferentes desafios da vida social e profissional. «Ainda que estejas a cair de velho, não me percas o

cuidado de te formares cada vez
melhor» (*Sulco*, n. 538).

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/tracos-do-
espirito-do-opus-dei/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/tracos-do-espirito-do-opus-dei/) (05/08/2025)